

Chimpanzés também fazem guerra: retomando a teoria evolucionária para uma discussão do Poder

*Chimps also wage war: using evolutionary theory as a
foundation for understanding Power*

DOI: [10.5752/P.2317-773X.2016v4.n2.p5](https://doi.org/10.5752/P.2317-773X.2016v4.n2.p5)

Tiago Nasser Appel¹

Recebido em: 11 de julho de 2016

Aprovado em: 13 de dezembro de 2016

RESUMO

Este artigo explora como a teoria evolucionária moderna pode ajudar os cientistas sociais no estudo do conflito e da guerra. Em particular, ele almeja mostrar como alguns desenvolvimentos teóricos da sociobiologia e da psicologia evolucionária podem vir a ser relevantes para a compreensão das relações internacionais. Para tanto, a metodologia do artigo resume-se basicamente à revisão de literatura ainda não muito explorada no Brasil. Começamos apresentando as principais proposições da teoria evolucionária e como ela gerou uma clivagem dentro do campo da antropologia, entre aqueles que acreditam que a guerra é uma instituição culturalmente construída e aqueles que veem as raízes da guerra na competição por recursos somáticos e reprodutivos no “estado de natureza”. Tomamos o lado dos segundos apresentando as evidências de guerra na sociedade dos chimpanzés e propondo a continuidade filogenética entre os chimpanzés e os nossos ancestrais caçadores-coletores. Por último, argumentamos que a teoria evolucionária pode nos ajudar a fundamentar melhor a concepção realista das relações internacionais e o próprio entendimento do Poder.

Palavras-chave: teoria evolucionária; guerra; chimpanzés; caçadores-coletores; realismo.

ABSTRACT

This essay explores how modern evolutionary theory can help social scientists in the study of war and conflict. In particular, we aim to show how sociobiology and evolutionary psychology are relevant for the understanding of international relations. To do so, we review some interesting and important literature not yet sufficiently known in Brazil. We start by introducing the main propositions of evolutionary theory and how it produced a clash in anthropology studies, between those who believe war is a cultural institution and those who see its roots in the natural competition for reproductive and somatic resources that prevail in the “state of nature”. We side with the latter by presenting evidence of war in chimpanzee societies and by suggesting there is phylogenetic continuity between chimps and our hunter-gatherer ancestors. Lastly, we argue that evolutionary theory might help us to better develop the Realist school of International Relations and to better understand Power itself.

Key-words: evolutionary theory; war; chimpanzees; hunter-gatherers; Realism.

1. Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Paraná (2009) e mestrado em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná (2012). Doutor em Economia Política Internacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017). ORCID: orcid.org/0000-0002-8921-5731

|
.....

Se eu fosse premiar alguém pela melhor ideia já tida, eu premiaria Darwin, na frente de Newton e Einstein e de todo mundo porque, numa só tacada, a ideia da evolução por seleção natural unifica o reino da vida, significado e propósito com os reinos do espaço e tempo, causa e efeito, mecanismos e leis físicas (Dennet, 1995, p. 21).

De acordo com o biólogo evolucionário Ernst Mayr (1982), a teoria clássica da evolução por seleção natural deriva de três inferências ou observações básicas. A primeira diz que, como cada espécie produz um excesso de indivíduos em relação aos recursos existentes, há necessariamente uma luta feroz pela existência, que resulta na sobrevivência de apenas uma parte da progênie de cada geração. A segunda inferência diz que a sobrevivência nesta luta feroz não é aleatória, pois depende da constituição hereditária dos membros em disputa: dois indivíduos nunca são exatamente iguais e parte desta variação é hereditária. Por fim, a terceira observação é que ao longo das gerações este processo de seleção natural produz uma mudança gradual nas populações, isto é, evolução e a emergência de novas espécies.

Com o desenvolvimento da teoria evolucionária moderna (e.g., Hamilton, 1964, Trivers, 1972, Dawkins, 1976), uma nova terminologia foi adicionada ao Darwinismo clássico: o foco passou a ser na competição entre genes, não entre organismos; no comportamento, não na anatomia; e principalmente no sucesso reprodutivo diferencial (*fitness*), ao invés da mortalidade diferencial. A propriedade definitiva da vida, na perspectiva da teoria evolucionária moderna, é a capacidade de auto-replicação: organismos seriam apenas veículos biodegradáveis temporários com o propósito de transmitir seus genes para as futuras gerações (Van der Dennen, 1995).

O que é comum às abordagens clássica e moderna, no entanto, é a ubiquidade do conflito. A sociobiologia (e.g., Wilson, 1975) prevê conflitos potenciais sempre que os interesses reprodutivos dos indivíduos não sejam os mesmos: conflito entre mãe e embrião, entre os sexos, entre famílias, tribos, etnias, reinados e nações. Neste sentido, todas as espécies são essencialmente iguais: conflito e violência no “estado humano de natureza”, como em qualquer outro estado de natureza, são fundamentalmente causados pela competição. E a competição sempre será a norma por causa da tendência à auto-replicação (reprodução) inerente à vida, a qual gera uma eterna “escassez relativa” dos recursos. Desta forma, a abundância não apazigua, senão acirra, a tendência dos organismos à auto-propagação.

Até os anos 1970 acreditava-se que os conflitos por território e parceiros reprodutivos no estado de natureza do reino animal raramente escalavam para a violência. O etólogo austríaco Konrad Lorenz (1963) dizia que as lutas entre membros da mesma espécie eram geralmente demonstrativas/ritualísticas e que todos os animais, menos os humanos, haviam desenvolvido inibições contra a agressão intraespecífica. Todavia, nas últimas décadas a teoria evolucionária e observações zoológicas mais detalhadas têm revelado que a agressão intraespecífica é generalizada na natureza, principalmente contra aqueles que são muito jovens para se defender².

2. O infanticídio é de longe a principal causa de morte violenta entre a maioria das espécies. Hoje também já é ponto pacífico que o infanticídio é uma estratégia de coerção sexual por parte dos machos: o assassinato de filhos de outros machos faz com que as fêmeas reiniciem o seu ciclo reprodutivo. No caso dos leões, por exemplo, aproximadamente 25% dos filhotes são mortos por machos estranhos. Já entre os gorilas e macacos langures esta cifra pode chegar a 40% (ver Mesnick, 1997). No entanto, “guerras” entre adultos também podem ser responsáveis pela morte de muitos indivíduos, como no caso das formigas e de carnívoros sociais. Para o caso dos lobos, por exemplo, ver Mech et. al., 1998. Os autores estimaram que quase metade das mortes dos lobos no Parque Nacional de Denali, no Alasca, podem ser atribuídas a outros lobos.

Curiosamente, os anos cinquenta e sessenta também foram o auge do Rousseanismo nos estudos de antropologia, da ideia de que o assassinato intraespecífico não só era um fenômeno inteiramente humano como também relativamente recente na escala evolutiva. Os antropólogos que subscreviam esta tese – os discípulos de Ruth Benedict e Bronislaw Malinowski, entre outros – achavam que a guerra, ou a instituição da guerra, era uma invenção cultural. Negando ou desconsiderando os insights da teoria evolucionária, aderiam à máxima de Margaret Mead (1940) de que a guerra podia ser “desinventada”. Como bem lembra Gat (2006), esses antropólogos destacavam a aparente inexistência de guerra em algumas comunidades caçadoras-coletoras estudadas nos anos 1950 e 1960, com destaque aos !Kung do deserto do Kalahari, aos Hadza do leste Africano e aos Pigmeus da África Central. Estes grupos pareciam encarnar a figura do Nobre Selvagem de Rousseau: a baixa densidade demográfica e a carência de possessões não criariam incentivos à guerra.

Esta posição de que a guerra teria uma origem recente, com a agricultura e o desenvolvimento dos Estados, é cada vez mais difícil de defender. O livro do arqueólogo Lawrence Keeley sobre a guerra primitiva *War before Civilization: the myth of the peaceful savage* (1996) foi uma das primeiras grandes obras³ a desconstruir, com ampla documentação, a doutrina de que as sociedades pré-estatais eram pacíficas. Depois vieram o *How War Began* (2004), do antropólogo Keith Otterbein, e o *War in Human Civilization* (2006), do cientista político Azar Gat, entre outras ainda mais recentes⁴. Citando anos de pesquisa em comunidades contemporâneas (ou existentes até pouco) de caçadores-coletores e agricultores primitivos, bem como o testemunho silencioso de evidências arqueológicas cada vez mais abundantes – flechas alojadas entre costelas, crânios esmagados e funerais coletivos de vítimas e guerreiros –, estes autores nos indicam que a vida era mais violenta no passado, principalmente no passado pré-estatal. Dando sustentação a trabalhos clássicos como os de Turney-High sobre os índios Andanameses e os de Napoleon Chagnon sobre os Ianomâmis, esses estudiosos evolucionários da guerra têm estimado taxas médias de morte violenta que em muito superam as taxas do “século mais sangrento da história”⁵. Assim, eles puderam confirmar (ver também Van der Dennen, 1995, 2002) que a guerra primitiva entre caçadores-coletores, horticultores e agricultores primitivos não raro é uma atividade sangrenta, letal e às vezes mesmo genocida: a chamada *guerra à l'outrance* (baixas que se acumulam rapidamente entre as várias batidas e saques) tem levado à extinção de comunidades inteiras na Nova Guiné, Amazônia e outras regiões onde há conflitos endêmicos⁶.

Outro importante antropólogo que recentemente contornou o relativismo cultural e ressuscitou a sociobiologia é o britânico Richard Wrangham. Um dos diretores do *Kibale Chimpanzee Project*, na Uganda, Wrangham se especializou em estudar o comportamento agressivo nos chimpanzés e a racionalidade adaptativa por trás das já bem documentadas “guerras letais” entre comunidades de chimpanzés. Em várias publicações⁷, Wrangham tem sugerido – com base na hipótese de que a espécie chimpanzé mudou pouco nos últimos 5-7 milhões de anos (quando estima-se que nosso ancestral comum com os chimpanzés separou-se em

3. É claro, há obras muito mais antigas que também propugnam a ubiquidade da guerra, como as de Quincy Wright (1942), Bigelow (1969) e Eibl-Eibesfeldt (1979), mas elas não são baseadas em documentação tão extensa.

4. Vale citar o já famoso *Better Angels of our Nature: why violence has declined* (2011), do psicólogo e linguista Steven Pinker, e o bem recente *War, what is it good for? The role of conflict in Civilization, from primates to robots* (2014), do historiador Ian Morris.

5. Estima-se que no século XX entre 100-200 milhões de pessoas tenham morrido de morte violenta, nada mais que 1-2% de todas as pessoas que viveram neste século (Morris, 2014, p. 19). Isso é 10 vezes menos, em termos percentuais, do que as estimativas médias de morte violenta para os povos da “Idade da Pedra” (incluindo aqui os antigos e os ainda existentes) *relatadas por Pinker* (2011, figura 2.2, p. 49). Pinker se ancora principalmente no livro de Keeley (1996) e num importante artigo de Samuel Bowles (2009).

6. No clássico *Blood is their argument* (1977), o antropólogo australiano Mervyn Meggitt explora as guerras tribais do povo Mae Enga, na Nova Guiné. Ele estima que 18% dos clãs Mae Enga são extintos a cada geração (25 anos) devido a guerras que forçam os sobreviventes a se dispersar e juntar a outros clãs. Trinta e cinco por cento dos homens Mae Enga morreriam de forma violenta.

7. Ver, por exemplo, o artigo *Intergroup Aggression in Chimpanzees and Humans* (1991), com J.H. Manson; o livro *O Macho Demoniaco* (1998), co-autorado com Dale Peterson; e o *Evolution of Coalitionary Killing* (1999).

8. Outros autores compartilham dessa opinião. Schubert (1983) já tinha identificado que, como os humanos, os chimpanzés são altamente xenofóbicos; e Itani (1982) já tinha observado similaridades entre as *lethal raids* humanas e chimpanzés. Por último, vale citar a descrição de Frans de Waal sobre a similaridade entre as duas sociedades (2001, p. 62): “os chimpanzés machos caçam juntos, entram em brigas por território, e desfrutam de uma camaradagem meio-competitiva, meio-amigável. Sua existência eivada de cooperação e conflito lembra a do macho humano que, em sociedades modernas, se junta a outros machos em corporações que competem com outras corporações. Em relação a laços entre machos e política, os chimpanzés parecem ter, de todos os primatas, a organização social mais parecida com a dos humanos”.

9. O relato a seguir é retirado de Wrangham (2006).

10. Goodall (1986) estimou que 30-40% dos machos que morreram nas comunidades de Kahama e Kasekela foram vítimas da agressão intraespecífica.

duas linhas evolutivas, uma delas bem mais tarde dando origem ao gênero *homo*) – que os padrões de comportamento dos chimpanzés contemporâneos seriam característicos dos nossos ancestrais⁸. Abaixo revisamos as evidências de Wrangham.

||

Seis machos de Kasekela, gritando e latindo de excitação, esmurraram, agarraram e morderam sua vítima furiosamente, ferindo-o na boca, testa, nariz e costas e quebrando-lhe uma perna. Goblin golpeou a vítima repetidamente no nariz. Sherry, um adolescente apenas um ou dois anos mais moço do que Sniff, esmurrou-o. Satan agarrou Sniff pelo pescoço e bebeu o sangue que lhe escorria pela cara. Depois Sherry juntou-se a Satan e os dois machos, aos gritos, puxaram o jovem Sniff colina abaixo. Sniff foi visto um dia depois, mutilado, quase incapaz de se mover. Depois disso não foi mais visto, e foi dado como morto (WRANGHAM; PETERSON, 1998, p. 30).

O estudo moderno do comportamento de chimpanzés selvagens começou em 1960, no Parque Nacional de Gombe, na Tanzânia, quando a primatóloga Jane Goodall habitou uma comunidade a tolerar a sua presença⁹. Goodall logo pôde reconhecer os padrões básicos de sua organização social. Cada indivíduo pertence a uma comunidade, mas perambulam sozinhos ou em pequenos grupos à busca de alimento. Goodall deu o nome de Kasekela à sua principal comunidade de estudo, que continha em torno de 50 indivíduos que vagueavam dentro de um território relativamente fixo na busca diária por frutos. No início ela não sabia, todavia, que as fronteiras da comunidade eram “vigiadas”.

No início dos anos 1970, Goodall e outros pesquisadores começaram a acumular observações regulares de tensos encontros com chimpanzés estranhos nas fronteiras da comunidade. A princípio a maior parte dos conflitos era ritualística: grupos compostos de vários machos se confrontavam visualmente, gritavam e balançavam galhos em clara demonstração de excitação e hostilidade, mas estes “rituais” aparentemente nunca escalavam para o conflito violento. Entretanto, em meados da década alguns eventos mudariam para sempre a visão idílica dos chimpanzés.

Primeiro, um bebê foi morto. Depois, em 1974, observadores assistiram com horror um grupo de machos de Kasekela perseguir e espancar um macho adulto da comunidade vizinha, a Kahama. O espancamento foi tão brutal que o macho morreu poucos dias depois. Durante os próximos quatro anos ataques similares se repetiram até que, em 1977, a comunidade de Kahama havia se extinguido: todos os machos haviam desaparecido, pelo menos sete mortos nas mãos de seus vizinhos¹⁰.

Desde então eventos similares foram registrados em outras comunidades. Nas montanhas Mahale (também na Tanzânia), o primatólogo Toshisada Nishida observou duas comunidades disputando ferozmente pelo acesso a uma área que regularmente produzia uma safra de frutos de ótima qualidade. Novamente, a maior parte dos confrontos não era violenta, mas os machos de uma comunidade estavam desaparecendo sob circunstâncias suspeitas. Em 10 anos, cinco machos saudáveis e robustos pereceram “misteriosamente”, seus corpos encontrados no território em disputa. Mais tarde, o assassinato de adultos de comunidades vizinhas

também foi observado em duas regiões na Uganda (Kibale e Budongo), em Tai (Costa do Marfim), e no Congo, entre outros lugares (Wrangham e Glowacki, 2012). Na República do Congo, em particular, um relatório de oito anos de pesquisa¹¹ revelou que metade dos chimpanzés que foram soltos no Parque Nacional de Conkouati-Douli teriam morrido não fossem as intervenções veterinárias.

As numerosas evidências de *coalitionary killing* entre os chimpanzés levaram à criação de um verdadeiro modelo de guerra chimpanzé: um grupo crescente de autores¹² vê similaridades entre a guerra humana e a agressão intergrupos nos chimpanzés e propõe que esta matança pode ser não só estratégica como adaptativa, em termos evolutivos. O modelo parte do princípio de que as comunidades competem por terra, alimentos e parceiros sexuais (quase que exclusivamente por fêmeas, como veremos abaixo). Debilitando ou eliminando seus rivais, os machos beneficiariam somática e reprodutivamente a sua comunidade, mas o modelo prevê que a violência propriamente dita só deve acontecer em contextos bem específicos de desequilíbrio de poder (a *imbalance-of-power hypothesis* de Wrangham, 1999), onde não há risco para os agressores.

De acordo com o modelo, o sucesso em eliminar rivais alteraria a balança de poder a favor dos vitoriosos, aumentaria o seu sucesso reprodutivo (os seus números) e, por sua vez, a sua capacidade de vencer batalhas futuras. Desta forma, a seleção natural teria favorecido o comportamento agressivo nos chimpanzés machos, que tenderiam a buscar oportunidades fáceis de – em conjunto com seus parceiros – eliminar rivais de outras comunidades.

A hipótese do desequilíbrio de poder de Wrangham nos ajuda a entender por que a *coalitionary killing*, que teoricamente poderia beneficiar reprodutivamente indivíduos de qualquer espécie, até o momento só tem um padrão suficientemente claro nos chimpanzés e nos humanos. De acordo com Wrangham (1999), dois fatores favorecem a agressão letal intergrupos. O primeiro é a territorialidade, também presente em muitas outras espécies, e o segundo, mais raro, é a organização social na forma de fissão-fusão, i. e., a separação temporária, como vimos, de membros individuais ou pequenos grupos da comunidade maior. É exatamente esta separação, diz Wrangham, que permite que grupos de, digamos, três ou mais indivíduos, encontrem outros indivíduos isolados, desequilíbrio este que permite a vitória fácil, com pouco ou nenhum risco para os agressores.

Curiosamente, como os caçadores-coletores também são territoriais e caçam em sub-grupos, o modelo chimpanzé pode ser aplicado aos humanos (MANSON, WRANGHAM, 1991; WRANGHAM, PETERSON, 1998). Com efeito, nos registros de violência entre povos “primitivos”, as batidas letais (*lethal raids*) são as formas mais comuns de guerra¹³ e não seria estranho supor que estas oportunidades de “vitória fácil” tenham desenvolvido também nos homens uma propensão à violência letal, nos contextos apropriados.

Porque os machos – tanto nos chimpanzés como nos humanos – são mais propensos a participar da violência intergrupos também pode ser facilmente solucionado pela teoria evolucionária moderna. Sabe-se que em espécies sexuadas normalmente os machos competem por aquele que

11. Ver Goossens et. al. (2005).

12. Por exemplo, Goodall (1986), Roscoe (2007), Van der Dennen (2002), e vários trabalhos de Wrangham.

13. Ver Keeley, 1996; Chagnon (1984); Maschner e Reedy-Maschner, 1998; e Van der Dennen, 1995.

é em última instância o recurso limitador da reprodução: a fecundidade feminina. Assim, a competição entre machos acaba selecionando aqueles com os melhores “armamentos” (garras, dentes), vigor e capacidades de luta: daí a origem do dimorfismo entre machos e fêmeas, aqueles sendo geralmente maiores e mais agressivos, em especial nos mamíferos. Além disso, a teoria moderna do investimento parental (TRIVERS, 1972) nos explica porque as estratégias reprodutivas evoluíram de forma tão diferenciada entre machos e fêmeas. Enquanto para os machos vale a pena se arriscar fisicamente para lograr o maior número possível de parceiras sexuais, para as fêmeas um número maior de parceiros dificilmente se traduz em maior sucesso reprodutivo. É por isso que, parafraseando Symons (1979), enquanto a guerra é o caminho da imortalidade genética para um sexo, para o outro é o caminho da obliteração genética. Em outras palavras, de um ponto de vista reprodutivo os machos são muito mais dispensáveis e a variância de seu sucesso reprodutivo é muito maior.

Os psicólogos evolucionários Leda Cosmides e John Tooby (1988) desenvolveram um modelo que reforça o nosso entendimento da diferença de agressão entre os sexos. Eles mostram estatisticamente que, para os machos, entrar numa coalizão com o objetivo de lutar contra outros machos e assim ganhar acesso a novos recursos reprodutivos (em suma, “fêmeas”) é uma “estratégia ótima” (uma adaptação evolutiva) do ponto de vista individual de cada macho porque, sem a coalizão, suas chances reprodutivas são relativamente baixas: a competição “natural” entre os machos faz com que muitos tenham muitos filhos e muitos não tenham nenhum. Já as fêmeas teriam menos a ganhar com as coalizões – seu sucesso reprodutivo não é limitado pelo número de machos – e mais a perder.

Entre outros, Tooby e Cosmides (1988), Dow (1983) e Van der Dennen (1995) aplicam esses insights à guerra primitiva e chegam à conclusão de que o *raiding-type warfare* evoluiu como uma estratégia reprodutiva masculina de alto-risco/alto-ganho. Nos altamente territoriais chimpanzés e humanos, as batidas letais dariam aos machos participantes (1) mais acesso direto às fêmeas e/ou (2) benefícios somáticos e reprodutivos oriundos diretamente da eliminação de rivais. Nas palavras de Low (1993: 28): “ao longo da história evolucionária, os homens puderam ganhar evolutivamente com a guerra; as mulheres raramente o puderam”.

De qualquer forma, o que nos interessa principalmente neste artigo não é explorar em detalhes a relação entre violência e reprodução, mas sim, como continuaremos na sessão abaixo, trazer *insights* da teoria evolucionária para o estudo do poder. Os trabalhos de Wrangham nos mostram que, embora teoricamente os benefícios últimos da agressão letal entre chimpanzés sejam reprodutivos, nem sempre a matança é imediatamente seguida de maior acesso a parceiras ou comida. O que é todavia inequívoco, diz Wrangham (2006), é que a eliminação de rivais sempre favorece os contendores no longo prazo. Ao matar rivais quando é fácil fazê-lo, os chimpanzés alteram a balança de poder entre a sua comunidade e as vizinhas. E como os machos são recrutados de dentro da própria comunidade – os chimpanzés são patrilocais – a morte de machos “inimigos” enfraquece, no longo-prazo, a capacidade da comunidade vizinha de vencer batalhas futuras, e o *poder relativo* dos matadores aumenta.

III

A competição interconectada entre recursos, status e prestígio, e reprodução é a raiz do conflito e da luta nos humanos e em todas as outras espécies de animais. Outras causas e expressões de luta na natureza e os mecanismos motivacionais e emocionais a elas associados são derivados destas, ou subordinados a estas causas primárias, e *originalmente* evoluíram desta forma nos humanos também (AZAR GAT, 2006, p. 87).

Muitos estudiosos da guerra e do poder não consideram as raízes (bio) evolucionárias do conflito e da dominação, malgrado muitas das prevalentes teorias (materialistas ou não) da guerra sejam altamente compatíveis com o paradigma evolucionário (SANDERSON, 2001). Isto porque a teoria evolucionária explica porque os humanos e outros organismos são motivados, em primeiro lugar, pela busca de bens materiais e de segurança. Mas ela vai além do óbvio: a teoria evolucionária trata estas motivações dentro da lógica mais abrangente da reprodução do indivíduo e do seu grupo imediato¹⁴ (que dentro das circunstâncias apropriadas pode ser estendido à tribo, reinado ou mesmo à nação). Deste modo, a teoria explica como os frequentemente citados motivos para a guerra – o patriotismo de Kant, a luxúria de Ivã Karamazov¹⁵ ou o desejo pelo próprio poder, de Hobbes – vieram a existir.

Na sugestiva obra *Darwin and International Relations: on the evolutionary origins of war and ethnic conflict* (2004), o cientista político Bradley Thayer defende que a utilização da teoria evolucionária nas relações internacionais pode em muito ajudar a fundamentar melhor a concepção realista do campo (ver também Gat, 2009). Thayer sugere, por exemplo, que a teoria evolucionária pode ajudar a superar as divergências que existem entre os realistas em relação às causas e aos objetivos da competição e do conflito interestatais. Os realistas clássicos, como Morgenthau (1961), argumentavam que os Estados buscavam aumentar o seu poder por causa do “desejo de dominação” (o *animus dominandi* de Morgenthau) presente na própria natureza humana. Já os realistas estruturais (WALTZ, 1979) afirmam não ser a natureza humana, mas sim a luta endêmica pela sobrevivência num sistema anárquico o que força os Estados a perseguir mais poder, em autodefesa e independentemente de seus “desejos”, por causa do medo mútuo e das imposições do dilema de segurança. Por último, os realistas estruturais “ofensivos” salientam que os condicionantes do sistema anárquico forçam os Estados não só a defender a própria posição, mas também a incrementá-la através da dominação e da subjugação dos outros Estados, imposição esta que Mearsheimer (2001) chamou de “tragédia da política das grandes potências”.

Um dos problemas da abordagem realista clássica é a frequente confusão entre *meios* e *fins*. Morgenthau (1961, caps. 5-8), por exemplo, é ambíguo no seu tratamento do poder e de outros objetivos da política externa, às vezes sugerindo que o poder é um *instrumento universal* para atingir os outros objetivos, mas também frequentemente declarando que todos estes objetivos são, no fundo, um disfarce da busca maior pelo poder. Mas por que, então, as pessoas e os Estados buscam tanto a dominação e o poder?

14. Aqui temos que lembrar que os genes de um indivíduo também são passados para a próxima geração através dos esforços reprodutivos dos seus parentes. Irmãos compartilham, em média, 50% de seus genes, a mesma porcentagem que os pais compartilham com seus filhos. Meios-irmãos compartilham em média 25% e primos em primeiro grau 12,5%. Daí a base da clássica expressão: *o sangue é mais espesso que a água*. Por isso que o geneticista britânico J. B. S. Haldane teria dito que se sacrificaria para salvar dois irmãos ou oito primos.

15. No Irmãos Karamázov, de Dostoiévski, diz Ivã: “A confiança angélica dessas criaturas sem defesa seduz os seres cruéis. Não sabem aonde ir, nem a quem se dirigir, e isto excita os maus instintos. Cada homem oculta em si um demônio: acesso de cólera, sadismo, desencadeamento de paixões ignóbeis, doenças contraídas na devassidão, ou então a gota, a hepatite, isto varia” (Livro V, Cap. IV).

O realismo estrutural também suscita questões difíceis. Se a apreensão mútua e o dilema de segurança num sistema anárquico forçam os Estados a preservar e expandir o seu poder, de onde vêm esta apreensão mútua e o dilema de segurança em primeiro lugar?

Malgrado os realistas tenham sugerido que a competição por recursos materiais escassos possa originar esta apreensão, de modo geral a questão material não tem sido muito explorada na explicação realista da conduta estatal, incluindo a guerra. Isto foi apontado por Schweller (1994, 1996), que colocou que os Estados vão para a guerra não só por questões de segurança, mas também para alcançar “valores cobiçados”, porque eles veem “oportunidades de ganho”, “lucro”, “recompensas”, ou “espólios”. Assim, Schweller se juntou a outros na crítica do suposto viés do *status quo* encontrado em boa parte da literatura recente de Relações Internacionais: segundo Schweller (1996) autores como Waltz, Walt e Snyder acreditam que na prática nenhum ganho pode ser auferido a partir de ações agressivas na arena internacional por causa dos efeitos equilibradores da coalizão que necessariamente vai se formar para se opor ao Estado expansionista. No esteio de Schweller, Mearsheimer (2001, p.20) colocou que no realismo defensivo de Waltz não há nenhuma razão aparente para a guerra. Mas Gat (2009, p.573) nos lembra que o próprio Mearsheimer não percebeu que seu realismo ofensivo padece do mesmo problema: igualmente baseado na existência do dilema de segurança, deixa em aberto a questão de por que o dilema surge se não há motivos independentes para a agressão, em primeiro lugar.

A teoria evolucionária moderna diz, de fato, que estes motivos existem, mas ela o faz sem empregar hipóteses *ad hoc* e não falseáveis sobre a natureza humana, como a “maldade” do teólogo Reinhold Niebuhr ou o *animus dominandi* de Hans Morgenthau. Thayer (2004) nos lembra que nossos ancestrais viveram por centenas de milhares de anos num estado de natureza em que os perigos do ambiente e de outros humanos eram tão grandes, isto é, a ameaça da violência era tão onipresente, que a evolução acabou selecionando os indivíduos que demonstraram, nas condições apropriadas, aqueles comportamentos tão associados à descrição realista da natureza humana: egoísmo, dominação, e *in group/out group distinction* (base do etnocentrismo).

Por que a ameaça da violência era tão onipresente? Como tentamos mostrar com base na antropologia e na teoria evolucionária moderna, o conflito e a luta no estado de natureza eram fundamentalmente causados pela competição. A violência pode ser uma estratégia adaptativa neste cenário de permanente competição, mas é importante lembrar que, diferentemente das interpretações da etologia alemã (Lorenz) e da psicanálise Freudiana, do ponto de vista evolucionário a violência não pode ser compreendida como um ímpeto primário e/ou irresistível. Como vimos com o exemplo dos chimpanzés, a violência é uma tática moldada pela evolução, ativada e desativada em resposta a mudanças nos cálculos de sobrevivência e reprodução. Ela pode ser ativada pela competição por recursos escassos, já que escassez é a norma na natureza por causa da tendência dos organismos à auto-replicação. E ela às vezes também pode ser ativada na competição por mulheres, tanto diretamente quanto indi-

retamente, quando os homens competem por recursos para “sustentar” mais mulheres e crianças (GAT, 2009, pp.575-77).

São desses objetivos somáticos e reprodutivos primários que os outros objetivos – “secundários”, como a busca por status, prestígio, dominação, dinheiro e poder – derivam. Assim, o conflito nem sempre é causado diretamente pela competição por recursos somáticos e reprodutivos *per se*, mas pelo medo, desconfiança e insegurança potenciais *que esta competição original cria*. Não fosse ela, não haveria causa para o conflito. Isto não implica, todavia, nenhum tipo de determinismo biológico, como colocam alguns dos mais famosos críticos da sociobiologia¹⁶. A sociobiologia não diz que os indivíduos – em particular os machos – se engajam a todo o tempo na competição violenta pela sobrevivência e pela reprodução, mas sim que a *ameaça da violência* está a todo o tempo presente.

Foi esta permanente ameaça de conflito violento que moldou a vida das pessoas no estado de natureza, anárquico por definição. O medo, a dissuasão recíproca, e a insegurança “amarraram” as pessoas à sua própria comunidade e território, forçaram-nas a tomar precauções e nunca totalmente baixar a guarda. Numa escala evolutiva, isto provavelmente começou ao nível da família, como fica claro no exemplo dos chimpanzés: patrilocais como são, muitos dos machos de uma comunidade são, de fato, meios-irmãos. Igualmente, os grupos de machos humanos durante a maior parte do Paleolítico¹⁷ também consistiam de familiares e correspondiam, no jargão sociológico, ao primeiro exemplo daquilo que se chama de “grupo de interesse fraternal” (Gat, 2006: 135): um sentimento de irmandade que pode facilmente ser replicado em outros grupos não-ligados por parentesco, mas que compartilham de forma intensa os desafios da existência diária¹⁸.

A existência de indivíduos e grupos fraternais em permanente conflito, portanto, nos faz rever as teorias materialistas/economicistas sobre a competição e a guerra. Malgrado se origine de um estado fundamental de escassez – lembrando que os recursos sempre serão, por definição, escassos frente ao potencial reprodutivo –, a competição e, em última instância, a guerra se alimentam da desconfiança e do impulso por poder que elas próprias criam. Quando o “outro” é considerado um potencial inimigo, sua própria existência suscita ameaça, pois ele pode um dia atacar. Por isso, devem-se tomar precauções e aumentar o próprio poder. O problema é que isso sempre será interpretado como uma ação ofensiva pela outra parte, gerando um clássico dilema de segurança do qual é impossível escapar.

Na biologia, as consequências desse dilema de segurança foram batizadas de *Red Queen Race*, em alusão à Rainha de *Alice No País das Maravilhas*, que em uma passagem da obra diz: “é preciso correr o máximo possível, para permanecermos no mesmo lugar”. Como coloca Gat (2010), a *Red Queen Race* é uma corrida armamentista que, via seleção natural, produz leopardos e gazelas mais rápidas; cervos com chifres mais longos para lutar entre si; parasitas mais traiçoeiros e bactérias com melhor imunidade. Frequentemente esta corrida armamentista gera custos às partes, nos quais elas não precisariam incorrer não fosse a competição. Mas sem a competição, sem o permanente dilema de segurança, não haveria acu-

16. Ver, por exemplo, Lewontin, Rose e Kamin (1984).

17. O período conhecido como Paleolítico vai de aproximadamente 2,5 milhões de anos a.C. – quando o gênero *homo* estava surgindo e os primeiros artefatos em pedra lascada estavam sendo produzidos – até o início da agricultura, por volta de 10.000 anos a.C.

18. É esse sentimento original de irmandade que configuraria a raiz evolutiva do próprio etnocentrismo, xenofobia, patriotismo e nacionalismo. Gat (2006, p. 133 ss.) nos lembra de que os próprios termos *motherland* e *fatherland* evocam a maior devoção possível e configurariam uma extensão do grupo genético/regional original. Como em pequenos grupos de caçadores parentesco e cultura se sobrepunham, características culturais compartilhadas acabaram funcionando historicamente como substitutos próximos do parentesco. Assim, sejam as comunidades nacionais modernas geneticamente aparentadas ou não (e elas geralmente o são), elas se sentem e funcionam como se o fossem, devido à herança cultural comum. E é este sentimento atávico que os observadores modernos frequentemente invocam para explicar a disposição das pessoas para matar ou se sacrificar por causas aparentemente remotas, como quando um alemão ou um francês estava preparado para morrer pela Alsácia-Lorena, sem que isso fosse aparentemente de importância para a sua vida prática.

19. Ver, por exemplo, seu Prefácio ao Poder Global (2007).

mulação de poder e não haveria, no sentido biológico, evolução. Assim, foi esse jogo competitivo que, em determinadas circunstâncias, permitiu o surgimento de novas espécies, dos agrupamentos humanos, dos Estados, e – diria o cientista político José Luís Fiori¹⁹ – até mesmo do capitalismo, obviamente sem que o resultado fosse o projeto consciente das partes contendoras em questão.

Por último, como nosso tratamento da guerra chimpanzé deve ter sugerido, a busca pelo *poder* – mais do que qualquer outra coisa – é tão fundamental na política/guerra porque o *poder* é o instrumento universal através do qual recursos somáticos e reprodutivos podem ser conquistados e defendidos. Desta forma, o dilema de segurança nas relações internacionais também é a palavra de ordem das relações entre todas as espécies. A competição é permanente e vale a corrida armamentista aludida pela metáfora da rainha vermelha. E neste torneio, o *poder* foi e continua sendo a moeda universal mediante a qual todos os outros objetivos podem ser conquistados.

IV

Neste artigo argumentamos como a teoria evolucionária moderna nos ajuda a fundamentar melhor a concepção realista das Relações Internacionais, em especial os entendimentos sobre a guerra e o poder. Sendo a grande teoria científica para o entendimento da natureza, o (neo) darwinismo não compete com outros empreendimentos acadêmicos na explicação das motivações humanas – como a teoria psicanalítica e o realismo clássico –, mas sim engloba os seus principais *insights* num quadro interpretativo maior. Por exemplo, não precisamos mais escolher entre os três princípios básicos da psicanálise para o entendimento do comportamento humano – sexo (Freud), criatividade (Jung) e “vontade de significado” (Adler) –, pois todos estes “instintos” se juntam sob o *framework* da teoria evolucionária.

A teoria evolucionária foi apresentada como diferente e mesmo superior – no sentido estritamente científico da palavra – às abordagens realistas tradicionais porque, como o único mecanismo não-transcendente para explicar por que somos como somos, ou de onde viemos, a teoria evolucionária é a mais “cega” de todas as teorias: o sucesso (reprodutivo) não é definido por nenhuma medida transcendente e não há nenhuma razão para o nosso sucesso, a não ser o simples fato de que aqueles que não foram bem-sucedidos na luta pela sobrevivência/reprodução deixaram de ser representados nas seguintes gerações e os seus “mal-adaptados” genes não foram selecionados.

REFERÊNCIAS

BIGELOW, R. **The Dawn Warriors: Man’s evolution towards peace**. Boston: Little Brown and Co., 1969.

BOWLES, Samuel (2009). Did warfare among ancestral hunter-gatherer groups affect the evolution of human social behaviors? **Science**, 324: 1293-1298.

CHAGNON, Napoleon (1968). **Yanonomo: the fierce people (case studies in cultural anthropology)**. Nova York: Holt McDougal, 1984 (Terceira Edição).

- DAWKINS, Richard. **The Selfish Gene**. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- DENNEN, Van der (2002). (Evolutionary) Theories of Warfare in Preindustrial (Foraging) Societies. **Neuroendocrinology Letters**, 23 (Suppl. 4): 55-65.
- DENNEN, Van der. **The Origins of War: the evolution of a male-coalitional reproductive strategy**. Groningen: Origin Press, 1995.
- DENNET, Daniel. **Darwin's Dangerous Idea: evolution and the meanings of life**. Nova York: Simon & Schuster, 1995.
- DOW, J. Women capture as a motivation for warfare: a comparative analysis of intra-cultural variation and a critique of the male supremacist complex. In: DYSON-HUDSON, R.; LITTLE, M. (eds.) **Rethinking Human Adaptation: biological and cultural models**. Boulder: Westview Press, 1983.
- EIBL-EIBESFELDT, I. **The Biology of Peace and War**. Nova York: Viking Press, 1979.
- FIORI, José Luis. **O Poder Global e a Nova Geopolítica das Nações**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- GAT, Azar. The Causes of War in Natural and Historical Evolution. In: HOGH-OLESEN, Henrik (ed.). **Human Morality and Sociality: evolutionary and comparative perspectives**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2010.
- GAT, Azar. **War in Human Civilization**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GAT, Azar. So why do people fight? Evolutionary Theory and the Causes of War. **European Journal of International Relations** 15 (4): 571-599.
- GOODALL, Jane. **The Chimpanzees of Gombe: Patterns of Behavior**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
- GOOSSENS, B. et. al. (2005). Survival, interactions with conspecifics and reproduction in 37 chimpanzees released into the wild. **Biological Conservation**, 123: 461-475.
- HAMILTON, W.D. (1964) The genetical evolution of social behaviour. **J. Theoret. Biol.**, 7, 1: 1-52
- ITANI, J. (1982) Intraspecific killing among non-human primates. **J. Soc. & Biol. Structures**, 5, 4: 361-68.
- KEELEY, Lawrence H. **War before Civilization: the myth of the peaceful savage**. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- LEWONTIN, R. C.; ROSE, Steven; KAMIN, Leon J. **Not in our Genes: biology, ideology and human nature**. Nova York: Pantheon Books, 1984.
- LORENZ, Konrad (1963). **On Aggression**. Nova York: Psychology Press, 2002.
- LOW, B. S. An evolutionary perspective on war. In: ZIMMERMAN W.; JACOBSON H. K. (eds.) **Behavior, culture, and conflict in world politics**. Ann Arbor: Univ. of Michigan Press, 1993.
- MANSON, J. H.; WRANGHAM, R. W. (1991) Intergroup aggression in chimpanzees and humans. **Curr Anthropol**, 32: 369:390.
- MASCHNER, H. D. G.; REEDY-MASCHNER, K. L. (1998). Raid, retreat, defend (repeat): The archaeology and ethnohistory of warfare on the North Pacific rim. **Journal of Anthropological Archaeology**, 17: 19-51.
- MAYR, E. **The Growth of Biological Thought: Diversity, Evolution, and Inheritance**. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1982.
- MEAD, Margaret (1940). Warfare is only and invention, not a biological necessity. **Asia**, 40: 402-5.
- MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Power Politics**. Nova York: Norton, 2001.
- MECH L. D. et. al. **The Wolves of Denali**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.
- MEGGITT, Mervyn. **Blood is their argument: warfare among the Mae Enga tribesmen of the New Guinea highlands**. Mountain View: Mayfield Publishing Company, 1977.
- MESNICK, Sarah L. Sexual Alliances: evidence and evolutionary implications. In: GOWATY, Patricia Adair (ed.). **Feminism and Evolutionary Biology: boundaries, intersections and frontiers**. Londres: Chapman & Hall, 1997.
- MORGENTHAU, Hans. **Politics among Nations**. Nova York: Knopf, 1961.
- MORRIS, Ian. **War, what is it good for? The role of conflict in civilization, from primates to robots**. Londres: Profile Books, 2014.

- OTTERBEIN, Keith F. **How War Began**. College Station: Texas A&M U. Press, 2004.
- PINKER, Steven. **The Better Angels of our Nature: why violence has declined**. New York: Viking Books, 2011.
- ROSCOE, P. (2007) Intelligence, coalitional killing, and the antecedents of war. **American Anthropologist**, 109: 485-495.
- SANDERSON, S. K. **The Evolution of Human Sociality: a Darwinian conflict perspective**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2001.
- SCHUBERT, G. (1983) Evolutionary politics. **Western Polit. Quart.**, 36, 2: 175-93
- SCHWELLER, Randall (1994). Bandwagoning for Profit: Bringing the Revisionist State back in. **International Security** 19 (1): 72-107.
- SCHWELLER, Randall (1996). Neorealism's Status-Quo Bias: What Security Dilemma? **Security Studies** 5 (3): 90-121.
- SYMONS, Donald. **The Evolution of Human Sexuality**. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- THAYER, Bradley A. **Darwin and International Relations: on the evolutionary origins of war and ethnic conflict**. Lexington: Kentucky University Press, 2004.
- TOOBY, J.; COSMIDES, L. (1988) The Evolution of War and its cognitive foundations. **Proc Inst Evol Studies**, 88: 1-15.
- TRIVERS, R. L. Parental Investment and sexual selection. In: B. Campbell (Ed.). **Sexual Selection and the Descent of Man, 1871-1971**. Chicago: Aldine, 1972.
- WAAL, Frans B. M. Apes from Venus: Bonobos and Human Social Evolution. In: WAAL, Frans B. M. **Tree of Origin: what primate behavior can tell us about human social evolution**. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- WALTZ, Kenneth. **Theory of International Politics**. Reading, MA: Addison, 1979.
- WILSON, Edward O. **Sociobiology: the new synthesis**. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- WRANGHAM, R. W.; GLOWACKI, L. (2012). Intergroup aggression in chimpanzees and war in nomadic hunter-gatherers: evaluating the chimpanzee model. **Human Nature**, 23 (1).
- WRANGHAM, Richard (1999). Evolution of coalitional killing. **Yearbook of Physical Anthropology**, 42: 1-39.
- WRANGHAM, Richard. Why Apes and Humans Kill. In: JONES, M; FABIAN, A. (eds.). **Conflict**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- WRANGHAM, Richard; PETERSON, Dale (1996). **O Macho Demoniaco: as origens da agressividade humana**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- WRIGHT, Q. **A Study of War**. Chicago: University of Chicago Press, 1942.